

Psicanálise, o método do amor...

“Segundo Freud, a mola mestra da Psicanálise é a transferência, que é ambígua, ou seja, positiva e negativa: amor transferencial e hostilidade. A transferência é, então, a “permissão” que o analisando concede para que o analista esteja imerso na rede de significados do analisando, permitindo ao analista indagar e propor interpretações”.*.

Difícil não começar mais essa prova subjetiva, do meu curso de psicanálise, sem citar o trecho acima, em especial o sublinhado, contido na quarta apostila denominada: “O método psicanalítico”. De certo que os vários assuntos contidos no quarto módulo tais como atos falhos, teoria da primeira tópica, teoria dos processos primários, deslocamento/condensação, teoria da segunda tópica, dentre outros, são fundamentais no contexto das teorias psicanalíticas, entretanto, dentre todos esses conteúdos, nenhum me parece mais visceral do que o ora apresentado, de forma implícita e explícita, nas palavras do primeiro parágrafo desse texto.

Explico-me melhor: estou falando da “permissão”, do consentimento, que o analisando doa, de forma espontânea, para que o analista possa entrar em seu mundo e com isso tratar suas psicopatologias e/ou promover seu autoconhecimento. Um gesto que, a meu ver, está amplamente enraizado de amor, embora esse mesmo sentimento, o amor, na minha concepção, tenha em sua essência elementos de dor, hostilidade, medo e tantos outros sentimentos, ditos negativos, mas que no fundo são também trazidos, naturalmente, nesse mesmo processo de concessão.

E é aqui que eu ousa ampliar a minha visão sobre essa pseudo dicotomia entre o amor e a hostilidade. Eu sei! É fato que o senso comum separa o mundo entre amor/dor, amor/hostilidade, bem/mal, positivo ou negativo. Entretanto, no meu entendimento, na minha humilde visão, em se tratando de um processo consentido de desenvolvimento, eu acredito que sentimentos considerados contraditórios, opostos, que surgem durante o referido processo, nada mais são do que faces de uma mesma moeda chamada amor.

Se eu não acredito no conceito de dualidade presente na natureza humana? De forma alguma. Eu apenas acredito que no caso, específico, do amor, o mesmo não se trata de um sentimento puro. O amor está longe de ser um sentimento que contém apenas benevolência, empatia, acolhimento, doçura ou apenas sentimentos que julgamos “positivos”. O amor verdadeiro, o amor incondicional, o amor que pavimenta caminhos para o crescimento de um ser humano, é multifacetado. Ele é um sentimento que, a partir de suas múltiplas faces, consegue, por exemplo, abarcar raiva e tolerância, ao mesmo tempo, por um inimigo. É um sentimento capaz de acessar as profundezas do nosso inconsciente e retirar de lá o melhor e o pior de cada um de nós. Ou seja: em se tratando de um processo psicanalítico, um processo consentido de evolução, quando o aceitamos voluntariamente também aceitamos, implicitamente, que esse mesmo processo de “cura”, amparado por um(a) psicanalista, poderá nos trazer sentimentos como medo, raiva, frustração, culpa, dentre tantos outros sabores, inerentes a um processo regido pelo amor.

Aprofundando-me na minha concepção de amor e, principalmente, na concepção de quando uma pessoa se dispõe, de forma voluntária, a qualquer processo de desenvolvimento, eu não tenho dúvidas: o ato escolhido é somente o amor. Crença essa que reforça o meu conceito de amor: o amor incondicional, ao contrário do que muitos podem crer, é um sentimento composto de vários outros sentimentos. Amar incondicionalmente é desenvolvermos, em nós mesmos, a capacidade de tolerarmos tudo aquilo que mais repudiamos no outro. É nos fazer conviver com as diferenças de forma pacífica, mesmo quando elas nos incomodam. Em outras palavras, somente amamos incondicionalmente quando ao sentirmos indignação, raiva ou quaisquer outros sentimentos, construímos, a partir deles, sentimentos construtivos. Construímos, a partir de sentimentos aparentemente conflituosos, ações que nos tornam melhores. O diferente disso, do amor incondicional, é o instinto de sobrevivência, a imposição de costumes ou qualquer outro sentimento que seja amparado pelo medo.

Permitam-me adentrar ainda mais nas profundezas desse sentimento único. Há uma frase, muito conhecida, que diz: “ou aprendemos pelo amor ou aprendemos pela dor”. Pois muito bem! Dualidade à parte, eu prefiro me debruçar no mérito da escolha: quando aprendemos pela dor, eu entendo que o significado dessa escolha se refere a não termos controle do processo de aprendizado. Aprender pela dor significa deixarmos que a vida, por si só, se encarregue de mostrar como ela realmente é. O que neste caso não tem suavizador. É dureza por cima de dureza. É sofrimento por cima de sofrimento. E mesmo que o amor, eventualmente, dê suas caras, ele virá de fatores externos e não por vontade de quem está percorrendo o caminho pela dor. Já no outro caso, meus caros leitores e leitoras, já quando a decisão de aprendermos, de evoluirmos, de nos tornarmos pessoas melhores é regida pelo amor, pelo amor incondicional, a dor, o medo, a frustração, o sofrimento, a culpa podem até dar suas caras, podem até se embulharem no mesmo presente (que vai parecer ser de grego), mas estando esses sentimentos embebidos de amor, o antídoto contra os males trazidos por eles está garantido. Em resumo: ou nos tornamos seres melhores, nesse plano, por meio do amor incondicional (e de seus desprazeres que fazem nosso estômago revirar) ou passamos, por nossa jornada, ancorados pelo medo. A escolha é de cada um de nós...

Concluo então mais essa prova, mais essas mal traçadas linhas de amor, dizendo que de todo o método psicanalítico, e suas várias teorias, para mim, o conceito mais fundamental, mais primordial, não poderia ser outro senão aquele que permite que o analisado se sinta acolhido, aquele que deixa o futuro analisado a vontade para externar tudo que lhe incomoda e, principalmente, aquele que começa o processo pedindo, do analisado, uma singela resposta e uma decisiva escolha: “você deseja evoluir, aprender, se desenvolver, se conhecer melhor, tratar eventuais neuroses e/ou psicoses e/ou perversões, fazer as pazes com a pessoa que está escondida no seu inconsciente, sorrir, chorar, para se tornar uma pessoa melhor, pelo amor ou pela dor?”.

*Trecho retirado da apostila quatro do curso de Psicanálise Clínica (páginas 5 e 6)

Segundo Freud, a mola mestra da Psicanálise é a transferência, que é ambígua, ou seja, positiva e negativa: amor transferencial e hostilidade. A transferência é, então, a “permissão” que o analisando concede para que o analista esteja imerso na rede de significados do analisando, permitindo ao analista indagar e propor interpretações.*